

DICIONÁRIO DAS ANTIGUIDADES DE PORTUGAL: DOIS MANUSCRITOS COMO PONTES ENTRE O IHGB E A ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Ana Paula Torres Megiani

Daniel Carvalho de Paula

USP

RESUMO:

Cotejamento do manuscrito oitocentista pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, escrito por diversos autores e possivelmente iniciado no século XVII, com cerca de 600 verbetes em ordem alfabética, que definem e explicam a origem de nomes de família, títulos hierárquicos, nomes de cidades e localidades, moedas, tributos, cargos, entre outros assuntos, e uma cópia datada de finais do século XVIII, também manuscrita, localizada na Academia das Ciências de Lisboa, a partir da qual a cópia do IHGB foi realizada. Tal cotejamento dá continuidade ao estudo crítico que temos realizado para fins de edição desse texto. Destacamos a relevância da construção de pontes entre instituições brasileiras e portuguesas, fundamentais na execução do estudo e de seus resultados.

PALAVRAS-CHAVE:

Dicionário das Antiguidades de Portugal, Enciclopedismo, Pedro José da Fonseca

ABSTRACT:

The examination of a nineteenth-century manuscript belonging to the Historical and Geographical Institute of Rio de Janeiro, written by various authors and possibly initiated in the seventeenth century, which has about 600 entries in alphabetical order, which define and explain the origin of family names, hierarchical titles, names of cities and locations, currencies, taxes, jobs, among other issues, and a copy, dating from the late eighteenth century, also handwritten, found at the Academy of Sciences of Lisbon, from which the IHGB's copy was made. Such examination continues the critical study that we have undertaken for editing this text. We emphasize the importance of building bridges between Brazilian and Portuguese institutions, fundamental in implementing the study and its results.

KEYWORDS:

Dictionary of Antiquities of Portugal, Encyclopedism, Pedro José da Fonseca

O *Diccionario das Antiguidades de Portugal* é um documento manuscrito inédito, de cujo original se ignorava a localização. Tivemos acesso ao seu conteúdo através de uma cópia manuscrita da primeira metade do século XIX, feita sobre folhas em branco e no verso de papéis reutilizados com o timbre do Consulado Português em Argel, sob o cônsul Henrique McDonell. Tal manuscrito está atualmente depositado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no âmbito do qual se realizou sua digitalização e transcrição paleográfica¹. A obra nunca foi publicada, nem por aquele que se supunha ser o seu autor, Manuel Severim de Faria (1583-1655), nem postumamente, pois a cópia traz no seu frontispício um parecer de publicação datado de seis de março de 1823, que arbitra o seguinte: “Não foi julgado digno da impressão”.² A obra sobreviveu praticamente incógnita, nunca foi citada, senão por Inocêncio no seu *Dicionário Bibliográfico Português* (SILVA, 1973, p. 423), de 1858, como parte de uma lista de manuscritos comprados pela Academia das Ciências de Lisboa, então Academia Real, de um sócio que, mais tarde, veremos tornar-se a personagem central dessa nossa história. Inocêncio foi membro da mesma instituição e por isso conhecia a obra manuscrita.

A estrutura geral da cópia é a seguinte: *Prefação*, *Adição* (composta de preâmbulo e uma carta transcrita pelo prefaciador), índice de verbetes e os verbetes, propriamente ditos, de A a Z. São 662 verbetes, até agora identificados, que tratam principalmente das famílias nobres portuguesas, heráldica, numismática, cargos e funções na corte, nas armas e na Igreja, além de cerimoniais, fábulas e outras antiguidades.³

As primeiras informações que tínhamos sobre a fonte advinham da sua catalogação no IHGB e daqueles que frequentaram o arquivo do instituto e conheciam a obra. Acreditava-se que a cópia do *Diccionario* teria sido realizada e inscrita no acervo por um de seus membros fundadores, o brigadeiro Cunha Matos.⁴ O documento original

¹ Tal processo deu-se entre julho de 2007 e dezembro de 2009, sob um protocolo de colaboração firmado entre o IHGB e a Cátedra Jaime Cortesão do Instituto Camões e FFLCH-USP, integrado ao Projeto Temático Fapesp *Dimensões do Império Português*, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Laura de Mello e Souza. Devemos o minucioso trabalho de transcrição aos pesquisadores Marcos Amorim e Carlos Henrique Campos, da equipe da Prof^a. Regina Wanderley do IHGB, que também tem se ocupado do *Diccionario*, a quem agradecemos as contribuições a este trabalho. A revisão e fixação do texto transcrito é uma tarefa longa que temos levado adiante junto à investigação do conteúdo e forma da fonte.

² Parecer de impressão. *Diccionario das Antiguidades de Portugal*, DAP, Tomo 1.

³ Por ocasião do Colóquio Internacional “Raízes do Privilégio: Mobilidade social no mundo ibérico do Antigo Regime”, ocorrido em junho de 2009 no Rio de Janeiro, apresentamos os resultados iniciais da pesquisa sobre o *Diccionario das Antiguidades de Portugal*, que, mais tarde, foram publicados na forma de um artigo no livro homônimo ao Colóquio (MEGIANI, 2011). Desde 2011 integrou-se à pesquisa o estudante Daniel Carvalho de Paula, que a partir de 2012 dedica seu mestrado ao estudo do documento.

⁴ Raimundo José da Cunha Matos (1776-1839) foi militar e historiador luso-brasileiro. Combateu na Revolução Pernambucana de 1817. Propôs, em 1838, junto ao cônego Januário da Cunha Barbosa, a fundação do IHGB. Ver: SILVA LOPES (1841); RODRIGUES (2008); CURTO (2007, p. 122).

estava atribuído, como mencionamos, a Manuel Severim de Faria,⁵ o conhecido erudito português, chantre da Sé de Évora, autor de algumas obras impressas, como os *Discursos Vários Políticos* (1624), e o mais referenciado, *Notícias de Portugal* (1655), publicado no ano de sua morte, além de uma vasta quantidade de manuscritos (MEGIANI, 2007, p. 24-28). O *Diccionario*, todavia, seria o único dessa natureza em toda sua obra conhecida. Em suma, quando iniciamos a pesquisa acreditávamos ter em mãos a cópia oitocentista de uma obra do século XVII, que teria sofrido intervenções e adições posteriores, como havíamos de esperar, até chegar a nós. Contudo, novos elementos nos têm permitido constatar que a obra não poderia ser de autoria intencional de Severim de Faria, que em momento algum do texto aparece citado como autor, apenas como tendo sido fonte útil à sua feitura.⁶ Ademais, não podemos crer na existência de um dicionário de natureza não lexicográfica, com ordenamento alfabético, produzido em meados dos Seiscentos, em Portugal, uma vez que Michel Foucault, no seu *As palavras e as coisas*, nos informa que “A primeira enciclopédia alfabética é o *Grand dictionnaire historique* de Moreri, 1674” (FOUCAULT, 2007).⁷ Proporemos adiante nova explicação para a forma de composição desse documento.

O objetivo principal da pesquisa foi realizar uma investigação acerca da história, composição, transmissão e cópia do *Diccionario*, que estão envoltas por muitas imprecisões, indícios e detalhes que nos levam a hipóteses ainda por se verificarem completamente. Queremos levar adiante um estudo crítico-erudito compreensivo desse precioso documento para a história de Portugal.

A pesquisa, até aqui, nos mostrou que a inscrição do manuscrito no acervo do IHGB talvez não tenha sido de responsabilidade do brigadeiro Cunha Matos, e sim do conselheiro Antônio de Menezes Vasconcellos de Drummond,⁸ segundo o “*Parecer do 1º secretario do Instituto Histórico acerca dos documentos legados pelo Conselheiro Drummond*”, *RIHGB*, N° 37 (2ª parte): 424-432, 1874. ‘Maço n. 12. *Diccionario das antiguidades de Portugal para servir a intelligencia da historia antiga d’estes Reinos*’”.⁹ Essa nota praticamente resolve a questão da inscrição do documento no

⁵ Verbete riquíssimo sobre Severim de Faria em MACHADO (1741-1759, tomo III, p. 368-374).

⁶ “Manoel de Severim de Faria Conego e Chantre da Sé de Evora, a quem inalteravelmente todos seus contemporaneos e posteriores dedicação louvores assaz merecidos e competentes, posto q[ue] [rementados] e extraordinários, he quem m[ui]to. contribue p[ar]a o util dese Diccionario, como nelle se vê com freqüência”. “Adição”, DAP, Tomo 1.

⁷ Sobre a cultura dos dicionários ver também ALMEIDA (1988) e VERDELHO (2003).

⁸ Antônio de Menezes Vasconcellos de Drummond (1794-1865) foi um dos fundadores e redator do jornal *O Tamoio*, em 1823. Obteve o hábito da Ordem de Christo em 1810 por serviços na Chancelaria do Reino. Ver BLAKE, Sacramento (1832-1902) DRUMMOND, Antônio M. V. (1890).

⁹ “Parecer do 1º secretario [Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro] do Instituto Histórico acerca dos documentos legados pelo Conselheiro Drummond”. “8.ª Sessão em 11 de setembro de 1874. Honrada com a ilustre presença de S. M. o Imperador”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 37, 2ª parte, p. 424-432, 1874. “O Instituto approvou o minucioso parecer dado pelo Sr. conego Dr.

acervo do Instituto, e nos faz questionar a informação presente no catálogo. A ideia de que a caligrafia do copista seria de Cunha Mattos merece ser, não obstante, averiguada através do cotejamento desse manuscrito com outros que venham com certeza da pena do brigadeiro. Podemos supor ainda que a cópia seja posterior a 1823, pois apresenta no seu frontispício um parecer de impressão de 6 de março daquele ano, que, como mostraremos adiante, também está em outro manuscrito original que logramos encontrar. Talvez ela seja ainda mais tardia, posterior à fundação do IHGB em 1838, já que essa instituição promoveu a busca de documentação útil à História do Brasil nos arquivos europeus. Pode-se aventar a hipótese de que o *Diccionario das Antiguidades de Portugal* tenha feito parte da coleta desse *corpus* documental. Esse parecer de 1874, feito pelo 1º secretário do IHGB acerca das duas caixas de documentos deixadas pelo conselheiro Drummond também nos diz que era da vontade do último que elas fossem abertas somente após o seu falecimento, que se deu em 1865.

Outro aspecto que nos chamou a atenção no volume do IHGB foi o papel timbrado do Consulado Português em Argel no qual foi feita a cópia, sendo ele de dois tipos: um primeiro que parece tratar-se de um certificado genérico, trazendo impressa somente a palavra “Certifico”, em seguida do cabeçalho e brasão, e o resto da folha em branco para preenchimento à tinta; o segundo é uma certidão específica com vista a garantir a mobilidade do seu portador, nela consta impressa a seguinte declaração do cônsul: "Faço saber a todos os Ministros, e Officiaes de Saude, e a todas as mais pessoas, a quem esta minha Certidão for apresentada em como esta Cidade, pela Divina Misericórdia de Deos Nosso Senhor, está sã, e livre de mal de peste, e de outro qualquer contagio: E porque della vai para [...] de que he [...] com [...] pessoas de serviço d[...] mesm[...] com o dito [...] e se lhe não ponha impedimento algum, lhe mandei passar a presente, por mim assignada, e sellada com o Sello Real deste Consulado. Dad[...] nesta Cidade de Argel aos [...] de [...] de mil oitocentos e [...]". Encontramos menção a tal peste em registro para o ano de 1818 no *Supplement to the bibliography of Algeria from the earliest times to 1895* (PLAYFAIR, 1898, p. 260), obra que nos ajuda a contextualizar as informações impressas nos papéis consulares e possui algumas das poucas notícias que se pode obter sobre o tal cônsul, como veremos. Passamos a procurar nas trajetórias de Cunha Mattos e Drummond algo que os ligasse a Argel. Não tivemos sucesso nessa busca, pois nem o brigadeiro, apesar de ter servido na África até 1814, nem o conselheiro estiveram naquela cidade ou mantiveram qualquer contato com

Fernandes Pinheiro sobre os documentos manuscritos existentes no Instituto, doados pelo finado consocio o conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond; sendo a conclusão do dito parecer que: devem ser guardados esses documentos para serem publicados na *Revista*, os que d'isso entender idoneos a respectiva comissão."

aquele consulado.¹⁰ Entretanto, na opinião de outros pesquisadores da história de Portugal, é provável que os papéis timbrados nem tenham ido à África e tivessem sido colhidos no próprio Reino, ou comprados da gráfica que os imprimia, ou até mesmo doados.

Sobre Henrique McDonell, pouquíssimo se pode encontrar, como já dissemos, algumas notícias dispersas nos levam a crer que ele seja o cônsul britânico Henry McDonell, que chegou a Argel em 1º de abril de 1812, como pró-cônsul, tornando-se cônsul em 1816, e deixando a cidade em 31 de janeiro de 1824, logo após a expulsão das tropas napoleônicas de Portugal, e administrava o consulado dessa nação, como também de Nápoles, Áustria e Toscana, naquela cidade. McDonell continua cônsul até 1826,¹¹ e aqui se encerra sua participação nessa história.

Depois de familiarizados com a fonte, numa leitura detida do prefácio nos deparamos com o seguinte trecho: “Se alg[uém] o quizer examinar, depois de publicado, na Bibliotheca d’Academia Real das Sciencias, onde será entregue p[ar]a este mesmo fim, poderá inteirar se da sua certeza”. Num primeiro momento pensávamos que essa informação referia-se ao paradeiro do *Diccionario*, o que, mais tarde, percebemos ser um engano, dando-nos conta de que dizia respeito à localização do original da carta transcrita pelo prefaciador, da qual trataremos quando falarmos da parte chamada *Addição*. Porém, foi esse equívoco interpretativo inicial o responsável pela busca que fizemos do documento original no livro da Série Azul de Manuscritos da Academia das Ciências de Lisboa, cujo catálogo está disponibilizado em formato digital na plataforma online dessa instituição. A busca logrou sucesso ao que encontramos relacionado o seguinte manuscrito:

240 - FONSECA, Pedro José da (1737-1816)
Diccionario das Antiguidades de Portugal. Para servir á intelligencia da Historia Antiga deste Reino. Tomo I e II / [por] Pedro José da Fonseca .- [S.l., s.d.] .- 3 fls. em branco inums. + 358 fls. de texto nums. a lápis, incluindo o fl. de rosto e os índices + 1 fl. em branco inum.; 4º [221 x 167 mm].

¹⁰ DRUMMOND, Antônio M. V. *Anotações de A. M. V. de Drummond à sua biographia*, 1836; e Introdução de Tarquínio Oliveira à *Corografia histórica da província de Minas Geraes*, 1837, v. 1, p. 15-18 (apud MEGIANI, 2001, p. 57).

¹¹ Da administração britânica de consulados de outras nações e da saída de Henrique McDonell de Argel: “January 31st, 1824. [...] *The Consulates of Naples, Portugal, Austria, and Tuscany, which were administered by the British Consul, are left, together with his pecuniary affairs [...]*” (SHALER, 1821, p. 189). De despesas feitas pelo cônsul em nome de Portugal: “No. 35 (F. 0., No. 23), 1821.— *Consul H. McDonell, and miscellaneous. [...] His claim for a large sum of money expended on account of Portugal and for salary*” (PLAYFAIR, 1898, p. 259-261). Outra notícia do consul: “*McDONELL Mr. – Consul General – At Algiers in 1816*”. *The Naval and Military Magazine*, v.1, n.1, Londres, março de 1827.

CÓDICE [Original]. Enc. com lombada e cantos de pergaminho e pastas de papel manchado. Compreende dois tomos encadernados juntos. Adquirido pela Academia ao Autor (cf. INOCÊNCIO, 1858, v. VI, p. 423).¹²

No rosto do primeiro tomo lê-se o seguinte despacho: *Não foi julgada digna de impressão. 6 de Maio de 1823. F. B. S.^a* No final (fl. 357v. e 358), encontram-se mais dois despachos: *Imprima-se apontadas as Leis respectivas notadas nos artigos da Censura, e torne para se conferir. Lx.^a a 6 de Fevereiro de 1808*” (com seis rubricas), e “*vay com este Manuscripto o Extracto da censura, para à vista dele se observar a determinação do desp.^o de 6 de Fevr.^o de 1808.*”¹³

Lê-se quase exatamente o mesmo na cópia manuscrita do IHGB, com exceção do mês e do nome do parecerista responsável pelo despacho de 1823 e localização dos despachos da Censura de 1808, de que trataremos depois, a saber:

Diccionario das antiguidades de Portugal. Para servir à intelligencia da História Antiga deste Reino.

No rosto do primeiro tomo lê-se o seguinte despacho: *Não foi julgado digno da impressão 6 de março de 1823. Villela V. J.* Ao final do índice de verbetes, encontram-se mais dois despachos: *Imprima-se apontadas as leis respectivas [usadas?] em artigos da Censura, e torne p[ar]a se cumprir. L[isbo]a a 6 de Fev[ereir]o de 1808. com 6 rubricas.*” e “*Vay com este Ms. o extracto da Censura, p[ar]a vista delle se observar a Determinação do Despacho de 6 de Fev[ereir]o de 1808.*”

Assim, podemos afirmar, com certeza: o manuscrito original foi encontrado e está na Academia das Ciências de Lisboa. A descoberta desse original abriu novos caminhos que a pesquisa passa a trilhar. Pretendemos, assim, redefinir a data da fonte para algo entre 1779, ano de fundação da Academia Real das Sciencias, e 1810, data de publicação da obra mais tardia referida nos manuscritos; pretendemos refinar essa datação após o aprofundamento na análise da fonte e na pesquisa de arquivo. Também atribuímos a Pedro José da Fonseca¹⁴ o prefácio e composição do *Diccionario*. Inocêncio possui extenso verbete sobre essa personagem no seu *Dicionário Bibliográfico* e nos informa o seguinte:

¹² “*Catalogo dos manuscritos que o professor Pedro José da Fonseca, sócio da Academia Real das Sciencias, vendeu á mesma Academia.* (Copiado do autographo, por elle escripto, que se conserva no archivo da sobredita.) *Diccionario das antiguidades de Portugal, para servir á intelligencia da historia antiga d'este reino.*—Em 4.” 2 tomos.” INOCÊNCIO, 1858, v. VI, p. 423.

¹³ Catálogo de Manuscritos da Série Azul da Academia das Ciências de Lisboa, p. 80.

¹⁴ “Socio fundador da Academia Real das Sciencias de Lisboa (A.R.Sc.), confirmada por aviso regio de 24 de Dezembro de 1779, assistiu já na qualidade de effectivo da classe de Litteratura á primeira sessão que a Academia teve em 16 de Janeiro de 1780. Foi eleito Director da typographia da mesma Academia, e também Director da commissão encarregada em 28 de Junho de 1780 da composição do *Diccionario da lingua portugueza* [1793]. Passou a Socio veterano em 27 de Março de 1790” (INOCÊNCIO, 1858, V. VI, p.419-424). Fonseca também foi professor de retórica e poética no Collegio Real dos Nobres, tradutor de obras latinas e francesas, escreveu várias obras que permaneceram manuscritas e desconhecidas, também localizadas na Academia das Ciências de Lisboa.

Os únicos esclarecimentos biográficos, que até agora existem impressos acerca deste laborioso professor e distintíssimo filólogo, constam de um folheto que pouco tempo depois da sua morte se publicou com o título: *Agradecimento de um homem á memória de outro homem virtuoso, sábio e filósofo* (FIGUEIREDO, 1816). Lisboa, na Impressão Regia 1816. 4.º de 44 pag. Foi escrito pelo honrado velho Francisco Coelho de Figueiredo.¹⁵

Ainda não obtivemos acesso a tal impresso, que logrou a baixa tiragem de 150 exemplares; encontramos um deles no catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal, e o manuscrito de tal memória também deve estar lá, quem nos informa é Inocêncio. De fato, pouquíssimo se conhece dessa personagem¹⁶ que, pelo que pudemos averiguar, foi um letrado muito pródigo com a pena, papel, tinta e tipos. Conhecer sua obra como um todo, tanto impressa como manuscrita, e desvelar mais da sua biografia são tarefas que pretendemos enfrentar daqui por diante.

Não apenas a notícia fornecida no catálogo da Academia das Ciências de Lisboa nos leva a acreditar que Pedro José da Fonseca seja o compilador do *Diccionario*, mas também o levantamento das obras utilizadas na composição do prefácio, uma vez que predominam entre elas aquelas que estariam ligadas a Fonseca por lhe serem simplesmente coevas, por serem de autoria de colegas, por terem sido editadas sob seus auspícios e, final e mais significativamente, por ele escritas, sem que fosse citado seu autor, o que corrobora ainda mais a hipótese aqui lançada.

As diferenças encontradas entre a descrição do catálogo da Academia das Ciências e a da cópia do IHGB, no que toca a localização dos despachos censórios de 1808, explicam-se quando se percebe que, na cópia, a *Addição* e índice dos verbetes, ao final do qual se localizam tais despachos, foram copiados na sequência do prefácio, enquanto, no documento original, encontram-se ao final do volume, encerrando o códice. Em relação à diferença na data e nome do parecerista de 1823, percebemos ser esse um erro de transcrição do catálogo.¹⁷ Consta no manuscrito original: “Não foi julgada digna da impressão 6 de Março de 1823. Villela [V.J.]”; abaixo consta a lápis nota extemporânea identificando o parecerista: “Francisco Vilela Barbosa [1769-1846] Marquês de Paranaguá, no Brasil”, de quem passaremos a tratar.

¹⁵ INOCÊNCIO, 1858, v. VI, p.419.

¹⁶ Pudemos encontrar apenas os seguintes trabalhos que trataram diretamente de Fonseca, todavia, abarcam somente a obra lexicográfica, gramatical e pedagógica impressa do autor: ALMEIDA, Justino Mendes (1969), de uma série de estudos de lexicografia latino-portuguesa; BORGES, Margarida de Almeida (2011), trabalho cujo objeto de estudo é a obra lexicográfica de Pedro José da Fonseca – *Parvum Lexicon* (1762), *Diccionario Portuguez, e Latino* (1771), *Diccionario abbreviado da fabula* (1779) e o *Diccionario da Lingoa Portugueza* (1793); COELHO, Sónia (2011); FILIPE, Raquel Teixeira (2003); OLIVEIRA, Emília M. Rocha de (2000). Outros o tocam vagamente: COUTO, Manuel Amor (2004); VERDELHO, Telmo (2003); ALMEIDA, Átila (1988) e GALVÃO, Ramiz (1936).

¹⁷ Veja nos anexos 1 e 2, p. 15-16, o parecer de 1823, na folha de rosto, e os despachos da Censura, ao final do índice de verbetes, no manuscrito do IHGB e da Academia das Ciências.

Vilela nasceu no Brasil e foi a Coimbra jovem, onde se graduou em Matemáticas, fez carreira nas armas e nas letras. Também foi eleito deputado pelo Rio de Janeiro por ocasião das Cortes Liberais. Por decreto de 17 de maio de 1823, lhe é concedida demissão de seus cargos em Portugal, quando retorna ao Brasil, depois da data em que dá o parecer a respeito do Dicionário, 6 de março de 1823.¹⁸ Vilela foi recebido pelo monarca, tornando-se ministro e senador do Império. Recebeu vários prêmios da Academia Real de Ciências de Lisboa por seu trabalho na área das matemáticas, publicou alguns livros por essa mesma instituição, inclusive seu *Cantata à primavera*, que lhe rendeu lugar na história da literatura lusófona (PARANHOS, 1937). O Conselheiro Vasconcellos de Drummond, nosso possível copista, em suas Anotações a sua biografia, publicadas no volume XIII dos Anais da Biblioteca Nacional, declara que Vilela Barbosa

(...) não se distinguiu nas côrtes senão pela oposição que fez aos projectos de separação do Brasil e pela defesa da justiça com que Portugal o pretendia tiranisar. Chegou ao excesso de dizer em um discurso que tinha vergonha de ter nascido no Brasil, e que era tal a sua raiva que estava pronto, posto que velho, a marchar, ainda que fôsse a nado, com a espada na boca, para castigar os degenerados brasileiros que queriam a separação (DRUMMOND, 1836).

A veracidade do testemunho de Conselheiro pode ser questionada, sua biografia revela a acidez com que tratava seus desafetos, mas não é isso que importa aqui. Interessa-nos, de fato, perceber que essas personagens estavam, em algum nível, relacionadas, o que faz com que tendamos a crer ser mesmo Drummond o nosso copista.

Para nos aproximarmos mais das questões de composição do documento, passamos a olhar de perto a *Prefação* e *Adição*, que nos explicam do que trata a obra. Fonseca logo justifica a utilidade do seu trabalho, e o faz lançando mão de Voltaire, inserindo o projeto do *Dicionário* no movimento filosófico e pedagógico do *Enciclopédismo*, que buscava catalogar todo o conhecimento humano a partir dos novos princípios da razão.¹⁹ Desde o subtítulo da obra, “Para servir à intelligencia da História Antiga deste Reino” e ao longo do prefácio, Fonseca justifica seu intento:

¹⁸ Outros manuscritos de Pedro José da Fonseca listados na Série Azul da Academia das Ciências de Lisboa receberam parecer de publicação negativo, no mesmo dia, com a mesma rubrica de Vilela, a saber: *Primeira Parte das Chronicas dos reis de Portugal* por Duarte Nunes do Leão, edição preparada por Fonseca, adquirida pela Academia a Fonseca, no rosto encontra-se o despacho: “Não foi julgada digna de impressão. 6 de Março de 1823. Villela. V. S.” e *Os historiadores portuguezes*, Notados de vários erros, enganos, descuidos, e omissões, em que incorrêrão, segundo as observações feitas por Críticos judiciosos, a fim de que a sua leitura seja proveitosa e livre de dúvidas, adquirido pela Academia a Fonseca, no rosto encontra-se o despacho: “Não foi julgada digna da publicação. 6 de Março de 1823. B. Villela. V. S.”.

¹⁹ Cf. DARNTON, Robert (1982).

A pronta e favorável acceitação, q[ue] os Diccionarios de qualq[ue]r materia instructiva ou scientifica encontrão entre todas as gentes civilizadas, he o mais abonado e seguro testemunho, q[ue] da sua utilid[ad]e pode produzir-se. Facilm[en]te se acha nelles à mão, e sem maior custo o q[ue] p[or] m[ui]tos livros disperso em trabalhos a difficuld[ad]e vem a descobrir-se, e as vezes não chega a apparecer. Alem de q[ue] a multiplicid[ad]e de prelos, e de escritos se tornou de tal grandeza, que como bem adverte hum celebre Moderno,²⁰ dentro de pouco tempo será preciso reduzir tudo a Extractos, e a Diccionarios.²¹ Hum Diccionario das antiguidades de Portugal, pareceu a quem ordenou este, q[ue] offerece a seus amabilíssimos Compatriotas, poder entrar no numero daquelas applicações estudiosas, de q[ue] se lhes seguiria aproveitam[em]to inegável.²²

Ainda no prefácio, Fonseca esclarece como compôs os verbetes do dicionário, que autores mais usou e trata da possibilidade de o trabalho ser alterado e levado adiante no futuro por ele mesmo ou outra pessoa:

Entende se q[ue] transcrevendo fielm[en]te dos nossos Autores, q[ue] com infatigável desvelo, curiosa indagação, e zelo sinceram[en]te racional se empregarão neste assumpto, se conseguiria mais firme confiança do leitor naquillo, q[ue] lhe expressão os ditos Autores [...] Nesta conta he sobreshirem com preferencia aos demais os dous Chronistas mores do Reino Fr. Ant[oni]o Brandão e seu sobrinho Fr. Francisco Brandão, e o chantre da Sé de Evora, Manoel de Severim de Faria²³ [...] No demais pouco deve atender-se á ex[ecu]ção do desejo de ser util, segundo a sua tênue possibilid[ad]e, ao trabalho e delig[enci]a do compilador, em ordenar este pequeno Diccionario. Se for diminuto, poder-se há augmentar, e suprimir-lhe as faltas nas futuras edições, se as merecer; se for imperfeito, considera-se, ao menos, como um desenho, e seja estímulo p[ar]a corrigillo e aperfeiçoallo a quem com melhor auxilio, e mais vigorosa saude queira emprehendello.²⁴

A *Adição* é composta de um preâmbulo mais a transcrição de uma carta de 1655 de Francisco Pinheiro²⁵ a D. João IV (1640-1656). Por pedido de André

²⁰ “M. Voltaire, Essais sur l’histoire [Gen.] Ecrivains du siecle de Louis XIV”. O que viemos a fixar como sendo VOLTAIRE, Verbetes: Hesnault (Jean), Catalogue pour la plupart des écrivains français qui ont paru dans Le Siècle de Louis XIV, pour servir à l’histoire littéraire de ce temps, In: *Le Siècle de Louis XIV* (1752). O prefaciador traduz e retira a citação do seguinte excerto: “[...] car la multiplicité des faits et des écrits devient si grande qu’il faudra bientôt tout réduire aux extraits et aux dictionnaire [...]”.

²¹ Fonseca não cita esse trecho de Voltaire sem razão, encontramos entre suas obras outros seis dicionários, a saber: *Parvum Lexicon Latinum* (FONSECA, 1762); *Diccionario Portuguez e Latino* (FONSECA, 1771); *Diccionario abreviado da fabula...* (FONSECA, 1785); *Diccionario da lingua portugueza* (FONSECA, 1793); *Diccionario abreviado das antiguidades*, para servir á intelligencia da historia antiga, tanto sagrada como profana, e á dos auctores gregos e latinos; traduzido do francez em portuguez [manuscrito inédito] – que entendemos ser o *Dictionnaire abrégé d’antiquités*, de Etienne-Jean Monchablon, 1ª edição de 1760, cujo título e subtítulo parecem ter inspirado Fonseca ao nomear seu próprio dicionário de antiguidades.

²² “Prefação”, *Dicionário das antiguidades de Portugal*, Tomo 1.

²³ São ao todo 95 remissões ao Chantre, majoritariamente, ao seu Notícias de Portugal, de 1655, entretanto, faz-se referência a Monarquia Lusitana ao menos três vezes mais.

²⁴ “Prefação”, *Dicionário das antiguidades de Portugal*, Tomo 1.

²⁵ “Jesuíta, Doutor Theologo pela Unversid[ad]e de Evora, onde dictou 16 annos Theologia Escolastica e Moral, com fama de excellentissimo Mestre e Doutor sapientissimo De suas muitas letras e virtudes

Fernandes,²⁶ bispo do Japão, o jesuíta faz a Sua Majestade a indicação de três nomes elegíveis ao cargo de bispo em Portugal. São esses os indicados: Manuel Severim de Faria, chantre de Évora, a quem Pinheiro louva com mais demora,²⁷ D. Veríssimo de Lancastro,²⁸ cardeal da Santa Igreja Romana, e Domingos Ribeiro Cirne,²⁹ chantre de Coimbra. O dito preâmbulo inicia-se por afirmar ser Severim de Faria “quem m[ui]to. contribue p[ar]a o util desse Diccionario, como nelle se vê com frequencia” e que com a possível publicação do seu dicionário oferecia-se “[...] pois ocasião de manifestar ao Publico testemunho mais qualificado das virtudes Christãs de tão respeitavel Ecclesiastico, dignissimo exemplar das pessoas consagradas ao augusto Ministerio da Igreja, bem he q[ue] deva aproveitar-se”,³⁰ assim é que ele explica o porquê da carta que ali ia transcrita. Mais adiante, ele combate qualquer desconfiança que pudesse haver em relação à autenticidade da carta, dizendo que a informação dada

(...) em segredo ao serenissimo S[enho]r Rei D. João IV. sobre materia de tanta gravid[ad]e e imp[ortâ]ncia [a indicação de nomes elegíveis a bispo], informação dada p[or] ordem do m[es]mo Soberano, e commettida a sujeito merecedor de tal confiança [Francisco Pinheiro], a lingoagem da verdade q[ue] nella reluz, a qual a adulação o particulares interesses mal sabem contrafazer, dão ao original [da carta] aqui fielm[em]te lançado [transcrito] o credito mais autentico e incontestavel.³¹

fazem honrosa memoria vários Authores, q[ue] podem ver se na Bibliotheca Lusitana. Sem abono seu diz tambem o erudito Author da m[es]ma Bibliotheca o seguinte: Não lhe impedio a continua applicação a este genero de Sciencia (a Theologia) p[ar]a q[ue] não fosse insinge juriconsulto, como o publicão as obras q[ue] imprimio, em q[ue] se admira a vasta erudição; q[ue] tinha de ambos os Direitos. Não foi menos estimavel pela virtude p[or] ser exemplar da observancia Religiosa. Governou os collegios de Evora e Coimbra com prudencia e afabilidade. Falleceo em 27 de julho de 1661 com 66 annos de idade, e 51 de Religião”. “Adição”, *Dicionário da antiguidades de Portugal*, Tomo 1.

²⁶ “[Pe. António Vieira] escreveu em 1659 a seu confrade, o Pe. André Fernandes, bispo do Japão e confessor da rainha Luísa, a quem desejava consolar pela morte de D. João IV: trata-se das Esperanças de Portugal ou Quinto Império do Mundo. O documento, apropriado pelo Santo Ofício, constituiu a peça-chave do processo que Vieira iria sofrer a partir de 1663.” BOSI, Alfredo (2008, p. 244).

²⁷ Pinheiro parece ter sido muito próximo de Severim de faria, a quem dedica o seu *De censv et emphyteysi tractatus*: in duas partes distributus, de que possui um exemplar a Bibiloteca da Faculdade de Direito da USP, a que ainda não logramos acesso.

²⁸ D. Verissimo de Lancastro, Cardeal da Santa Igreja Romana, Inquisidor Geral, quarto neto del Rey D. João, o II, foi provedor da Misericórdia em Évora, Thezoureiro-mór da Sé da cidade de Évora, e Inquizidor da dita cidade, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas, Conselheiro de Sua Alteza e seu Sumilier da Cortina. Ver Fr. Alvaro da Fonseca, *Relação da nobre, e antiga família de Fonseca no Reino de Portugal...* (Biblioteca Lusitana Histórica..., 1741-1759, p. 103); *Panegyrico Funeral, em as honras do Eminentissimo Senhor D. Verissimo de Lancastro ...* (1693) e *Sermam do Rosario da Virgem Senhora Nossa...* (1677).

²⁹ Domingos Ribeiro Cirne, Chantre da Sé da cidade de Coimbra, deputado da meza da consciência (criada por d. João III em 1532). Ver: *Carta do Chantre da Sé da cidade de Coimbra, 1643 e Índice Chronologico. e Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza posterior à publicação do Codigo Filippino*, 1807.

³⁰ “Adição”, *Dicionário das antiguidades de Portugal*, Tomo 1.

³¹ “Adição”, *Dicionário das antiguidades de Portugal*, Tomo 1.

Fonseca vai ainda mais longe e recomenda que “Se alg[uém] o quiser examinar [ao original da carta], depois de publicado, na Biblioteca d’Academia Real das Sciencias, onde será depositado p[ar]a este mesmo fim [o exame], poderá inteirar se da sua certeza”.

A carta anexada³² exerce um papel que possui ramificações interessantes: demonstra o favor do Rei para com Francisco Pinheiro, dada tão importante incumbência a ele “commettida”, ratificando a confiabilidade da informação que o jesuíta oferece sobre Severim de Faria. O elogio rendido à pessoa de Severim de Faria, a quem as referências abundam no *Diccionario*, atribui prestígio à obra e coopera para uma possível publicação, que parece ser, afinal, o objetivo do autor/compilador, que chega a fazer nas margens da *Addição* indicações tipográficas, como “em redondo” e “em grifo”. Essa relação “Fonseca leitor de Severim de Faria” fica clara ao examinarmos o *Notícias de Portugal*, de Severim, publicado no ano de 1655, e que contém uma “Taboada do que se contem neste livro” e “Index dos appellidos de cvias armas se explicaõ os Brazoês” (SEVERIM DE FARIA, 1655), cujos assuntos listados estão quase todos contidos na lista de verbetes do *Diccionario* de Fonseca,³³ conferindo a este autoridade pela antiguidade daquele. Esta relação fica ainda mais aparente quando olhamos para o “Index das cousas mais notaveis, que se contem neste livro” presente na edição de 1740 do *Notícias de Portugal* preparada e acrescentada pelo Padre D. José Barbosa,³⁴ irmão de Diogo Barbosa Machado, muito citado por Fonseca, que fora membro fundador da Academia Real da História Portuguesa (1720-1776), cujo patrimônio intelectual foi, em grande medida, herdado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, fundada em 1779. Fonseca bebeu abundantemente nos autores e trabalhos legados pela Academia Real da História para a produção desta sua obra, como podemos constatar a partir do levantamento das referências contidas no *Diccionario*.³⁵

³² Temos notícia através do *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio da Silva, v. II, p. 43-50, de que Fonseca teria tido sob sua guarda, na Academia Real das Sciencias de Lisboa, cartas da Companhia de Jesus, que se referem a período anterior a esta de Francisco Pinheiro ao Rei D. João IV, mas acreditamos que valha a pena averiguar a possibilidade de essa carta estar entre os maços epistolares no acervo da Academia, onde Fonseca pudesse acessá-los.

³³ Pretendemos consolidar tal hipótese através da comparação das duas listas e estudo da composição dos verbetes coincidentes.

³⁴ Essa questão já fora enunciada por Megiani (2011, p. 63).

³⁵ Veja alguns exemplos: ARGOTE, D. Jerónimo Cantador de. *História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*. Lisboa Occidental (1732-1747); BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Latino e Português* (1712-1728); BARBOSA, D. Joze. *Catalogo chronologico, historico, genealogico, e critico, das rainhas de Portugal, e seus filhos* (1728); *Colecção dos Documentos e Memórias da Academia Real de História Portuguesa* (1721-1736); FERREIRA, Francisco Leitão. *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra* (1729); FONSECA, Pedro José da. *Diccionario da Lingoa Portuguesa*.(1793); MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana* (1741-1759); MACHADO, Diogo Barbosa. *Memórias para a História de Portugal que compreendem o governo de D. Sebastião* (1736-1751); SILVA, Fernão Teles da (Marquês de Alegrete). *História da Academia de História* (1727); SILVA, José Soares. *Memórias para a*

As razões pelas quais a obra não foi publicada são de interesse central para a pesquisa, porém, apesar de cogitarmos algumas hipóteses, ainda não nos ocupamos de todo delas. Talvez o modo de composição da obra responda a essa indagação. A obra possui o formato enciclopédico, valorizado no período, e observa, só no nome, aquele que nos parece, até onde pudemos investigar, ter se erigido como um “gênero” na cultura escrita, o dos dicionários de antiguidades, que tratam da Antiguidade Clássica.³⁶ Diferentemente, o *Diccionario das Antiguidades* de Fonseca se refere a Portugal, em específico, compreendendo o período que vai de 1035 a 1435,³⁷ do Conde D. Henrique ao início do reinado de D. Duarte, às vésperas da expansão ultramarina. Os verbetes são resultado de uma compilação de excertos e notícias que trataram do mesmo assunto ao longo do tempo,³⁸ “tudo que se viu e ouviu falar”, um cíclico entreglosar dos autores, expediente nada estranho a um professor de retórica e poética afeito aos *topoi* e preceptivas das *auctoritas*, cuja observação recomenda no seu *Arte poética de Q. Horacio Flacco* (FONSECA, 1790). Essa *episteme* tornara-se antiquada para o gosto dos contemporâneos de Fonseca,³⁹ o que talvez tenha feito com que merecesse o parecer desfavorável para publicação pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, de cuja tipografia tinha sido diretor e editor de muitas obras. O parecer de 1874 do 1º secretário do IHGB dizia que os documentos deixados por Drummond deveriam ser publicados pela Revista do Instituto, mas somente aqueles que parecessem “idoneos a respectiva comissão”. Sabemos que o *Diccionario das Antiguidades de Portugal* não foi publicado pela revista e mais uma vez ele não foi dado à luz.

Outro aspecto que nos tem chamado a atenção é a composição do texto, a formulação dos verbetes, e que no caso desta fonte se pode identificar. Cada um dos verbetes contém notas e abreviaturas, por vezes, de difícil identificação, que se referem a autores e obras, em sua maioria, portugueses e espanhóis, construindo uma densa malha de copiosas referências, cuja catalogação e desdobramento, como no exemplo da

História do governo de D. João I (1730-1734); SOUSA, D. António Caetano. *História Genealógica da Casa Real Portuguesa* (1735-1748).

³⁶ CHOMPRÉ. *Dictionnaire Abrégé de la Fable...* (1727; traduzido e publicado por Fonseca em 1785); LEMPRIERE, J. *Bibliotheca Classica...* (1788); CHRISTOPHE, Math. *Dictionnaire pour servir à l'intelligence des auteurs classique grecs et latins...* (1805); MONCHABLON, Etienne-Jean. *Dictionnaire Abrégé d'Antiquités...* (1760; traduzido por Fonseca, manuscrito inédito, ver nota 27).

³⁷ “Por Antiguidad[ad]es de Portugal deve nesta Obra entender se tudo q[uan]to decorre desde o Conde D. Henrique, pai do nosso prim[eir]o e glorioso Rei até o falecim[em]to d’el Rei D. João II isto he desdo anno de 1035 até de 1435. Nessa ordem de coisas, Chronicas mais exactas, noticias mais bem averiguadas, leis reduzidas a boa forma e juntas em hum só corpo, novos estabelecim[en]tos, escritores polidos, linguagem constante e com a velha rudeza [...] desde o fellicissimo reinado d’el Rei D. Manuel até os nossos dias quase tudo uniforme, e a todos acessível.” “Prefação”, *Dicionário das antiguidades de Portugal*, Tomo 1.

³⁸ Essa afirmação será corroborada através da metodologia de análise, que já aplicamos a uma parte do documento (Ver a demonstração, p. 66. Pretendemos fazê-lo para a totalidade da fonte.

³⁹ FOUCAULT. *As palavras e as coisas* (2007).

referência a Voltaire,⁴⁰ já foram iniciados e fará parte da edição do texto. A partir dessas listas de nomes e livros, a “bibliografia” de Pedro José da Fonseca, é que temos formulado nossas principais hipóteses concernentes à datação e composição da obra.

O estudo de cada entrada do *Diccionario*, o que temos chamado “arqueologia” dos verbetes, é que tem sido responsável por elucidar o regime de composição desta obra. Em nosso artigo acima mencionado fizemos uma primeira leitura da cópia manuscrita, antes de descobrirmos o manuscrito da Academia da Ciência e possuindo apenas as informações catalogais do IHGB, pudemos entender que se o autor fosse Manuel Severim de Faria ele não poderia ser o único, mas sim que se tratava de uma obra coletiva com intervenções e adições ao longo do tempo, expediente comum até o século XVIII e mesmo no XIX. Muitas das referências encontradas na obra eram póstumas ao chantre, e em algumas daquelas que lhe eram contemporâneas, encontramos trechos como este, do verbete *Azambuja*: “Já adverti em outro lugar (Ma. Lus. p. 3. l. 10. c. 29.)”, *Monarquia Lusitana*, parte 3, livro 10, capítulo 29, de Frei Antônio Brandão, publicado em Lisboa, no ano de 1632, levando a crer que o cronista-mor teria contribuído para a feitura do *Diccionario* e, ali, citava a si mesmo. Sabemos que Severim de Faria encomendava obras, como a *História do Brazil* de Frei Vicente do Salvador,⁴¹ e solicitava a participação de colegas nos seus trabalhos, tal informação corroboraria aquela hipótese. Entretanto, já munidos do manuscrito da Academia das Ciências e das novas informações que com ele vieram, fizemos o estudo “arqueológico” do verbete *Azambuja* e suas referências, procurando desdobrar as camadas textuais que compunham a entrada, concluímos tratar-se da cópia de um trecho da *Monarquia Lusitana*, no livro XII, em que o autor remete o leitor a um momento anterior da mesma obra, livro X. Demonstramos, abaixo, nossa metodologia, aplicada ao exemplo dado:

1. Texto do Diccionario das Antiguidades de Portugal:

Azambuja.

A villa de Azambuja chamada antigam[en]te Villa Franca se povoou em tempo del Rei D. Sancho I. Fez El Rei doação della a D. Rolim Cav[aleir]o de Flandres, e a outros cavalleiros da sua companhia: he a data no mez de Janeiro do anno de 1200. (Torr. do Tomb. Liv. de foraes de [Lisb.?] nona f. 10.). *Já adverti em outro lugar* (Ma. Lus. p. 3. l. 10. c. 29.) [Fonseca se dá ao trabalho de localizar tal advertência, que vai por nós transcrita no item 3] como este Fidalgo não era o D. Rolim, q[ue] nossas historias contava assistir na tomada de Lisboa, mas q[ue] devia ser seu filho ou parente, o qual acudio á conquista de Silves. Deste parecer sou ainda pelas razões, q[ue] propuz, e não he necess[ari]o repetillas. Nem aos descendentes destes

⁴⁰ Ver nota 20.

⁴¹“Desta maneira havendo-me Vossa Mercê pedido hum tratado das cousas do Brazil [...]”. SALVADOR, Frei Vicente do (1889).

Fidalgos, quaes são os Rolins e Mouras, deste Reino, fica menor gloria de não ser este o D. Rolim, q[ue] veio a Lisboa, pois se convence q[ue] não huma, mas m[ui]tas vezes ajudarão seus antepassados aos primeiros Reis deste Reino nas maiores necessid[ad]es, e occasiões de honra. *Fr. A. Brand. Mon. p.4. l. 12. c. 31.*

2. Texto de origem transcrito por Fonseca:

Livro XII. Da *Monarchia Lufitana*. El Rey Dom Sancho I.

CAP. XXXI [31]

Torre do Tombo li. dos foraes de leitura nona fol. [?]. [nota lateral] [Fonseca ao citar o Livro dos Foraes o faz por intermédio de Fr. Brandão]

Em tempo defte Rey se pouou a villa da Azambuja, chamada antiguamente Villa Franca. Fez elRey doação della a Dõ Rolim Cavaleiro de Flandres, & e a outros flamencos de fua companhia. He a data do mes de ianeiro do anno de mil & duzentos. *Ia aduerti em outro lugar*, como efte fidalgo não era o Dom Rolim que noffas historias contaõ afsiftir na tomada de Lisboa, mas que deuia fer feu filho ou parente, o qual acudio a conquista de Sylues. Defte parecer fou ainda pellas razoes que propus, & não he necessario repitilas. Nem aos decedentes deftes fidalgos, quais fãõ os Rolins, & Moura defte Reyno, fica menor gloria de não fer efte o Dom Rolim que veyo a Lisboa, pois fe conuence, que não hua mas muitas vezes ajudaraõ feus antepaffados aos primeiros Reys defte Reyno nas mayores necefsidades, & ocafioes de honra. f.56(frente)

3. *Localização de tal advertência:*

Livro X. da Monarchia Lufitana. El Rey Dom Afonfo Henriquez.

CAPIT. XXIX. [29]

Chronica delRey D. Afonfo. Duarte Nunes: [nota lateral]

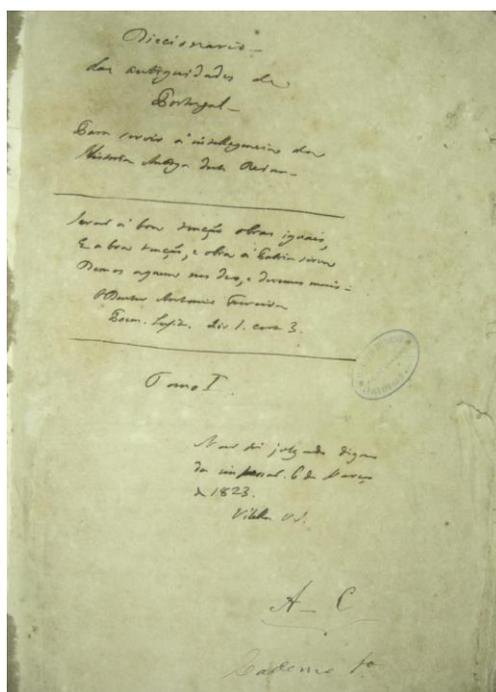
Dos Capitaes~s efrangeiros, os quais de pois de afsiftir ao cerco de Lisboa ficaraõ nefte Reyno, nomearao noffos autores em primeiro lugar Childe Rolim, a que~ foi dada Azambuja, & huns querem foffe o Capitaõ principal da frota; outros dizem naõ fer efte, mas outro feu parente. [...] f.173(verso)

Essa “arqueologia”, que pretendemos aplicar a todo o documento, nos deu segurança para descartarmos a tese de que o *Diccionario das Antiguidades de Portugal* seria uma obra feita a várias mãos, e afirmarmos agora ser Pedro José da Fonseca quem compôs os verbetes por meio da justaposição de excertos retirados dos livros que referencia, suas autoridades, dos quais copia *ipsis litteris*.

As listas dos autores e suas obras já começam a revelar a existência de uma relação muito próxima entre o repertório erudito mobilizado no *Diccionario* e o legado da Academia Real de História Portuguesa e a Academia Real de Sciencias de Lisboa. Levantamos, então, mais uma hipótese, que pretendemos desenvolver daqui por diante. Ela não diz respeito diretamente à forma e ao conteúdo da fonte, como tem sido nossa

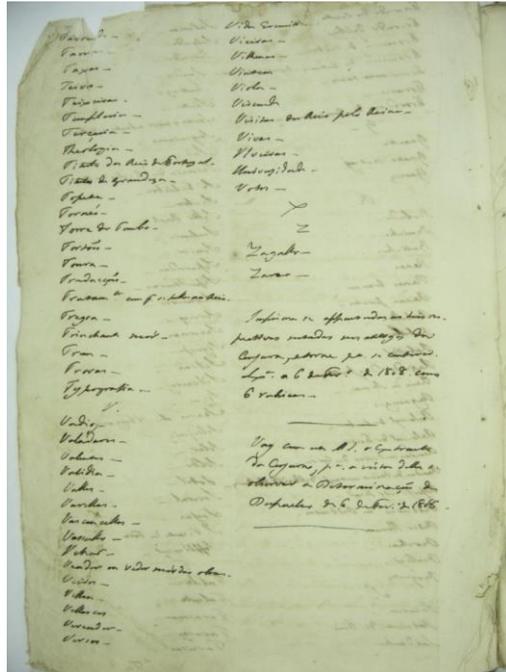
preocupação até aqui, mas procura inserir este documento num processo mais amplo, em que ele teria sido composto no âmbito dessas Academias, que pensaram e produziram um discurso histórico e científico legitimador, filho desse século e ambiente cultural da erudição ilustrada no Portugal setecentista de D. João V e Pombal.⁴²

Anexo 1 – MSS.IHGB



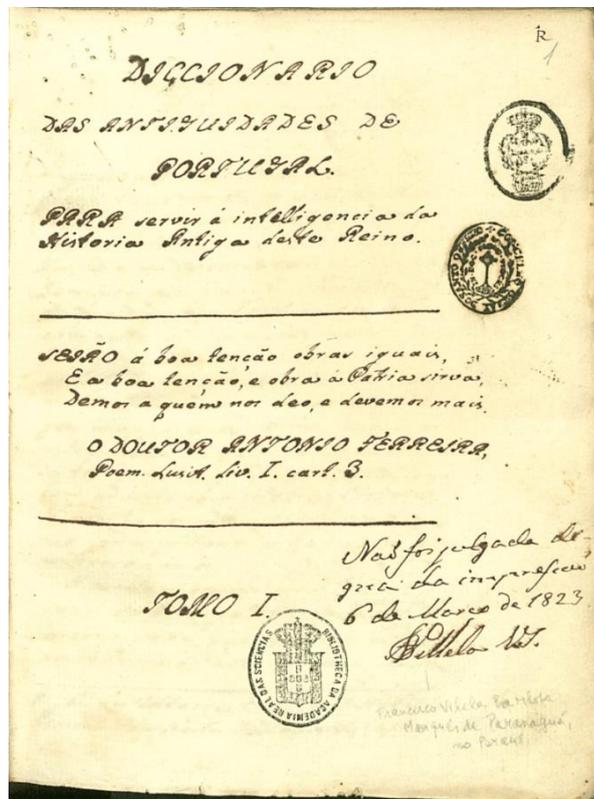
Folha de rosto do manuscrito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

⁴² KANTOR, Íris. “A Academia Real de História Portuguesa e a defesa do patrimônio ultramarino: da paz de Westfália ao Tratado de Madrid (1648-1750)” (2005); KANTOR, Íris. *Esquecidos e renascidos...* (2004); ANDRADE, Antonio Alberto Banha de. *A reforma pombalina dos estudos secundários (1759-1771)*[1981]; CARVALHO, Laerte Ramos de. *As reformas pombalinas da instrução pública* (1978); MOTA, Isabel Ferreira da. *A Academia Real da História* (2003); MUNTEAL FILHO, Oswaldo. *Uma sinfonia para o Novo Mundo...* (1998).



Dois despachos da Censura de 1808 ao final do índice de verbetes (anteposto aos verbetes)

Anexo 2 – MSS.ACL



Folha de rosto do manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Latino e Português*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

BORGES, Margarida de Almeida. *Pedro José da Fonseca e a sua obra lexicográfica*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Aveiro, Aveiro, 2011.

BOSI, Alfredo. Antônio Vieira, profeta e missionário: um estudo sobre a pseudomorfose e a contradição. *Estudos Avançados*, São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, v. 22, n. 64, p. 241-254, set./dez. 2008.

Carta do Chantre da Sé da cidade de Coimbra, 1643, Registo Geral de Mercês, Mercês da Torre do Tombo, liv. 9, f. 17-18.

CARVALHO, Laerte Ramos de. *As reformas pombalinas da instrução pública*. São Paulo: Edição Saraiva, 1978.

CHOMPRÉ. *Dictionnaire Abrégé de la Fable*, pour l'intelligence des poètes, des tableaux et des statues, dont les sujets sont tirés de l'Histoire Poétique. Paris: Chez la Veuve de Damien Foucault, 1727.

COELHO, Sónia. As ideias linguísticas nos Prólogos das gramáticas de Pedro José da Fonseca (1799) e de Jerónimo Soares Barbosa (1822). In: *Textos Seleccionados*, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, 2011. p. 168-181.

Colecção dos Documentos e Memórias da Academia Real de História Portuguesa, ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, secretario da mesma Academia. Lisboa Occidental: Officina de Pascoal da Sylva, Impreffor de Sua Mageftade, e da Academia Real, 1721-1736.

COUTO, Manuel Amor. Gramática e teorização linguística em Portugal: a *Gramática Filosófica* de Jerónimo Soares Barbosa. *Revista Galega de Filoloxía*, n. 5, p. 11-31, 2004.

CHRISTOPHE, Math. *Dictionnaire pour servir a l'intelligence des auteurs classique grecs et latins*; comprenant la géographie, la fable, l'histoire et les antiquités, avec une table chrnologique, et un tableau des poids, mesures et monnoies des anciens, comparés avec les nôtres. Paris: Chez L. Duprat-Duverger, 1805.

CURTO, Diogo Ramada. *Cultura escrita: séculos XV a XVIII*. Lisboa: ICS, 2007.

DARNTON, Robert. *L'aventure de l'Encyclopédie*, Paris: Librairie Académique Perrin, 1982.

DRUMMOND, A. M. V. Anotações de A. M. V. de Drummond à sua biographia, Biographie Universelle et Portative dès Contemporains, 1836. In: *Anais da Biblioteca Nacional*, v. XIII, 3ª parte. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1890. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_013_1885-1886.pdf.

FERREIRA, Francisco Leitão. *Notícias Cronológicas da Universidade de*

Coimbra. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva, impreffor da Academia Real, 1729.

FIGUEIREDO, Francisco Coelho de. *Agradecimento de um homem á memória de outro homem virtuoso, sábio e filósofo*. Lisboa: Impressão Régia, 1816.

FILIPE, Raquel Teixeira. A herança dos satíricos: Horácio e Pedro José da Fonseca. Tópicos horacianos na *Invectiva contra os máos poetas*. In: MORA, Carlos de Miguel (Coord.). *Sátira, paródia e caricatura: da Antiguidade aos nossos dias*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2003. p. 237-251.

FONSECA, Fr. Alvaro da. Relação da nobre, e antiga família de Fonseca no Reino de Portugal, e da origem da dos Coutinhos, que sahio da dos Fonseca & Genealogia dos Reyes de Portugal. Dedicados a Lancastro em 1643 e 1653, respectivamente. In: *Biblioteca Lusitana Histórica, Crítica e Cronológica*, tomo 1. Lisboa: Occidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1759.

_____. *Sermam do Rosario da Virgem Senhora Nossa, oferecido ao Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Verissimo de Lancastro [...]*. Coimbra: Officina de Joseph Ferreyra, 1677.

_____. *Panegyrico Funeral, em as honras do Eminentissimo Senhor D. Verissimo de Lancastro [...] que celebrou o Conselho Geral do Santo Officio em S. Pedro de Alcantara, convento da provincia da Arrabida em Lisboa, donde està sepultado o seu corpo*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1693.

FONSECA, Pedro José da. *Parvum Lexicon Latinum Lusitana interpretatione e adjuta, ad usum Lusitanorum Adolescentium: in lucem editum jussu Josephi I Regis Fidelissimi*. Lisboa: Olisipone, 1762.

_____. *Diccionario Portuguez e Latino*. Lisboa: Regia Officina Typographica, 1771.

_____. *Diccionario abreviado da fabula, para intelligencia dos poetas, dos paineis e das estatuas, cujos argumentos são tirados da historia poetica: por Mr. Chompré, licencado em direito. Agora traduzido do francez em portuguez*. Lisboa: Typographia da Real Academia das Sciencias, 1785.

_____. *Arte poetica de Q. Horacio Flacco. Epistola aos Pisões, traduzida em portuguez e illustrada com escolhidas notas dos antigos e modernos interpretes, e com um commentario critico sobre os preceitos poeticos, lições varias e intelligencia dos logares difficultosos*. Lisboa: Offic. De Simão Thaddeo Ferreira, 1790.

_____. *Diccionario da Lingoa Portugueza*. Lisboa: Officina da Academia Real das Sciencias, 1793.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GALVÃO, Ramiz. Lexicologia portuguesa. Os melhores léxicos. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, n. 51, p. 182-201, 1936.

Índice Chronologico e Chronologico Remissivo da Legislação Portuguesa posterior à publicação do Código Filippino, dado à luz por ordem da Academia R. das Sciencias de Lisboa pelo seu sócio João Pedro Ribeiro, 1807.

KANTOR, Íris. *Esquecidos e renascidos: Historiografia acadêmica luso-americana, 1724-1759*. São Paulo: Hucitec / Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBA. 2004.

_____. A Academia Real de História Portuguesa e a defesa do patrimônio ultramarino: da paz de Westfália ao Tratado de Madrid (1648-1750). In: BICALHO, Maria Fernanda Baptista; FERLINI, Vera Lucia Amaral (Org.). *Modos de governar. Idéias e práticas políticas no Império Português. Séculos XVI e XIX*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2005. p. 257-276.

LEMPRIERE, J. *Bibliotheca Classica; or, A Classical Dictionary, containing a full account of all the proper names mentioned in antient authors; with tables of coins, weights, and measures in use among the Greeks and Romans*. Reading: Printed for T. Cadell, London 1788.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana: histórica, crítica e cronológica*. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1759.

_____. *Memórias para a História de Portugal que compreendem o governo de D. Sebastião*. Lisboa: Academia Real da Historia Portuguesa, 1736-1751.

MONCHABLON, Etienne-Jean. *Dictionnaire Abrégé d'Antiquités*. Pour servir a l'intelligence de l'Histoire Ancienne, tant Sacrée que Profane, & à celle des auteurs grecs & latins. Paris e Liège: Chez J. J. Tutot 1760.

MEGANI, Ana Paula Torres. Das palavras e das coisas curiosas: correspondência e escrita na coleção de notícias de Manuel Severim de Faria. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 24-48, jul.-dez.2007.

_____. *Dicionário das antiguidades de Portugal: estudo introdutório sobre um manuscrito aberto*. In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes; CALAINHO, Daniela Buono; FEITLER, Bruno; FLORES, Jorge (Org.). *Raízes do privilégio: Mobilidade social no mundo ibérico do Antigo Regime*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 50-68.

MOTA, Isabel Ferreira da. *A Academia Real da História. Os intelectuais, o poder cultural e o poder monárquico no século XVIII*. Coimbra: Edições Minerva, 2003.

MUNTEAL FILHO, Oswaldo. *Uma sinfonia para o Novo Mundo*:

a Academia Real das Ciências de Lisboa e os caminhos da Ilustração luso-brasileira na crise do antigo sistema colonial. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

OLIVEIRA, Emília M. Rocha de. *A Arte Poética* de Horácio por Pedro José da Fonseca. *Ágora*. Estudos Clássicos em Debate, n. 2, p. 155-183, 2000.

PARANHOS, Haroldo. *História do romantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, 1937.

PLAYFAIR, Robert Lambert. *Supplement to the bibliography of Algeria from the earliest times to 1895*. Londres: Murray, 1898.

RODRIGUES, Neuma Brilhante. *Nos caminhos do Império: a trajetória de Raymundo José da Cunha Mattos*. Tese (Doutorado), Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SALVADOR, Frei Vicente do. Dedicatória ao Licenciado Manoel Severim de Faria Chantre da Santa Sé de Évora. In: *Historia do Brazil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1889, p. 3-4. Disponível em: <http://purl.pt/154/1/P34.html>.

SEVERIM DE FARIA, Manuel. *Noticias de Portugal*, Offerecidas a ElRey N. S. D. João IV. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1655.

SHALER, William. *Sketches of Algiers, political, historical, and civil*: containing an account of the geography, population, government, revenues, commerce, agriculture, arts, civil institutions, tribes, manners, languages, and recent political history of that country. Boston: Cummings, Hilliard and Company, 1826.

SILVA, Fernão Teles da (Marquês de Alegrete). *História da Academia de História*. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva, impressor da Academia Real, 1727.

SILVA, Inocêncio F. da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

_____. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858. Tomo II

_____. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1973. Tomo VI.

SILVA, José Soares. *Memórias para a História do governo de D. João I*. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva, impressor da Academia Real, 1730-1734.

SILVA LOPES, João Batista da. *Corografia ou, Memoria economica, estadistica, e topografica do Reino do Algarve*. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, 1841.

SOUSA, D. António Caetano. *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva, impreffor da Academia Real, 1735-1748.

VERDELHO, Telmo. “Dicionários: testemunhos da memória linguística”. *Encontro de Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa*, em homenagem a Helena Paiva, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 5-6 de novembro de 2003 (no prelo). Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6300.pdf>.

MINICURRÍCULOS:

Ana Paula Torres Megiani é professora doutora do Departamento de História da Universidade de São Paulo. É autora dos livros *O jovem rei encantado: expectativas do messianismo régio em Portugal - sécs. XIII-XVI* (Hucitec, 2003) e *O rei ausente: festas e cultura política nas visitas dos Filipes a Portugal 1581 e 1619* (Alameda, 2004), e organizadora das coletâneas de artigos *Inês de Castro: a época e a memória* (Alameda, 2008) e *O Império por escrito* (Alameda, 2009). Possui ainda textos publicados em obras coletivas e resenhas. É pesquisadora da Cátedra Jaime Cortesão-FFLCH/USP, integrante do Projeto Temático Fapesp Dimensões do Império Português (2005-2009) e do Pronex Companhia das Índias (UFF).

Daniel Carvalho de Paula é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. Áreas de concentração: História Moderna, História Ibérica e História da Cultura Escrita. Participante do Grupo de Estudos em História Ibérica e Moderna (GEHIM) e Grupo de Pesquisas Humanidades Digitais da Universidade de São Paulo.